



A homenagem a um soldado da Wehrmacht: uma discussão à luz da memória do Holocausto

Por Carlos Reiss e Michel Ehrlich*

Mais uma vez, o tema do nazismo entra no debate público brasileiro – principalmente nas mídias sociais, terreno pautado por discussões ideológicas deturpadas e opiniões amparadas meramente pelo senso comum. Nesta segunda-feira (01/07), o Exército Brasileiro, por meio de seu *twitter* oficial, prestou uma homenagem ao major alemão Eduard Ernest Thilo Otto Maximilian von Westernhagen, assassinado em 1968, enquanto frequentava a Escola de Comando e Estado-Maior. Novamente, além da necessidade do Museu do Holocausto de Curitiba de se posicionar, utilizamos estes momentos para enriquecer o debate com pressupostos sérios, em uma perspectiva educativa e universalista.

Há, basicamente, três questões que nos afligem. A primeira é baseada apenas na trajetória do homenageado, ou seja, se o Exército brasileiro teria ou não prestado tributo a um nazista. Otto Maximilian lutou pela Wehrmacht e, em 1955, com a reativação das Forças Armadas da Alemanha, foi reintegrado ao posto de capitão. A segunda e a terceira dizem respeito à escolha das palavras de agradecimento, que não foram aleatórias, merecendo uma análise cuidadosa. O inimigo do meu inimigo é meu amigo? Como lidar com o termo “sobrevivente”?

1 – Westernhagen era um nazista?

As informações sobre Westernhagen são bastante escassas. Nascido em 1923, ele era um jovem militar durante a Guerra e só veio a ocupar patentes mais altas no exército alemão após a mesma – durante o conflito, chegou a tenente. Ao noticiar o assassinato de Otto, na edição de 2 de julho de 1968, a Folha de S.Paulo afirmou: “A vítima fora



condecorada por Hitler quando da ocupação da França e recebera graves ferimentos quando do ataque do Exército soviético a Berlim”.

O fato de Westernhagen ter pertencido à Wehrmacht, o exército alemão, e não à SS, não torna necessariamente seu passado mais inocente. Especialmente levando em conta, tal como narra o texto publicado no *site* do exército brasileiro, que ele lutou no *front* oriental¹. Estudos recentes têm desmistificado a narrativa que responsabilizava somente as SS pelos crimes cometidos contra a população civil, especialmente judeus, usando como exemplo as barbaridades cometidas durante a Operação Barbarossa. Esta narrativa, que inocentava os soldados da Wehrmacht (que supostamente estariam somente lutando e não participando do genocídio), era conveniente – afinal, grande parte da população alemã fora mobilizada no exército e somente poucos eram SS. Durante décadas, a sociedade alemã se manteve arraigada na crença de que a Wehrmacht era um respeitável exército na tradição prussiana – o que não é corroborado pelas fontes históricas, que apontam tanto a SS como a Wehrmacht (incluindo outras instituições civis e militares do 3º Reich) como responsáveis por algumas das mais graves atrocidades do século XX. Esta visão foi corroborada durante o tribunal internacional de Nuremberg, quando não apenas o Partido Nazista foi considerado culpado de conspiração contra a paz, violação dos tratados internacionais, crimes de guerra, violação coletiva dos Direitos Humanos e crime contra a Humanidade.

Não é possível averiguar o grau de envolvimento específico de Otto Westernhagen nesses crimes – apesar de que um texto do colunista Elio Gaspari, publicado em 2008, aponta que o sogro teria sido um general da SS, assim com dois outros parentes.² Na mesma situação, encontra-se grande parte da população de jovens homens alemães da época, uma geração que cresceu junto à juventude hitlerista. Se criminalmente falando ele pode não ser culpado, seu passado de participação (mesmo que possivelmente não-voluntária) em um exército criminoso não deveria ser motivo de

¹ https://www.eb.mil.br/web/noticias/noticiario-do-exercito/-/asset_publisher/MjaG93KcunQI/content/eceme-homenageia-ex-aluno-assassinado-em-19-1/8357041

² <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc2506200815.htm?fbclid=IwAR1b5XyHEw4YN8QoA8MX7Bq3v0kCxbJSZRacu1H6KK0qiNJuiHmSoVzCAj4>



louvor, como dá a entender outro texto no *site* do exército brasileiro, que lista positivamente as “realizações” do militar alemão. No caso, afirma que Westernhagen “foi comandante de um pelotão de blindados na frente Oriental na 2ª Guerra Mundial, sendo promovido ao posto de 1º Tenente, por bravura, em 1943”.

Atualmente, na Alemanha, diante da inviabilidade de punir todos aqueles que tiveram este tipo de envolvimento, evita-se heroificar militares que atuaram no período nazista. Este procedimento tem um significado profundo e importantíssimo, pois desconstrói a ideia de que “lutar pela pátria” seria algo intrinsecamente (e sempre) bom – não é, como o caso alemão bem demonstra. As homenagens do exército brasileiro demonstram que, aqui, esta mensagem ainda não foi compreendida totalmente.

Em suma, dependemos de uma definição mais efetiva dos critérios para definir alguém como nazista, discussão esta de grande relevância, mas que foge ao escopo da homenagem. Até Justos entre as Nações, como o caso de Oskar Schindler, são também considerados nazistas. De qualquer modo, a atuação de um membro do exército nazista não é algo a se enaltecer. Não sabemos qual o grau de adesão ideológica de Westernhagen ao nazismo, mas ser condecorado por um regime genocida, mesmo que não necessariamente por uma atividade diretamente ligada ao genocídio, não deveria ser motivo de orgulho.

Cabe acrescentar que a condecoração recebida por Westernhagen deu-se no âmbito de uma guerra da qual o Brasil, mesmo não sendo um dos principais protagonistas, participou – e lutando contra a Alemanha. Ao destacar como positiva a “bravura” do tenente alemão, está elogiando a atuação de um soldado que, naquele momento, lutava contra os soldados brasileiros. Isto também fere a memória dos pracinhas que lutaram, foram feridos ou caíram durante a 2ª Guerra Mundial.

2 – O inimigo do meu inimigo é meu amigo?

A homenagem à Westernhagen já seria em si questionável dado seu significado na história contemporânea brasileira – assunto que deixamos para os historiadores



especializados. Entretanto, mesmo presumindo esta reverência, fica o questionamento de por que incluir a menção ao passado de Westernhagen na Wehrmacht, uma vez que seu passado não depõe a seu favor.

Realizando uma leitura atenta do texto publicado pelo Exército, para o qual o *tweet* direciona, percebe-se que mencionar sua atuação como soldado é necessária para concluir sua caracterização como “um sobrevivente da 2ª Guerra Mundial e das prisões totalitárias soviéticas”³. A princípio, o dado é irrelevante para analisar seu assassinato, mais de vinte anos depois. Contudo, dentro da lógica da Guerra Fria incorporada pela ditadura que vigorava no Brasil quando do atentado (e que voltou a ganhar força no Brasil, por vezes de forma pitoresca), haveria um novo grande inimigo a ser combatido: a ameaça comunista, representada pela URSS, incluindo também os grupos que mataram Westernhagen (ainda que por engano, pois o alvo era outro). Dentro desse imaginário, qualquer opositor da ordem vigente deveria ser confrontado.

Não cabe no escopo deste texto avaliar esta argumentação, e sim notar como a paranoia da Guerra Fria (e com ressurgimentos na atualidade) é utilizada para redesenhar a rede de aliados e inimigos. Dentro da lógica de que “o inimigo do meu inimigo é meu amigo”, até mesmo o passado nazista de alguns pode ser ignorado, minimizado ou até enaltecido. Raciocínio este, no entanto, extremamente perigoso. Em países do leste europeu, como na Ucrânia, tem se tornado lamentavelmente comum homenagear “heróis anticomunistas”, mesmo em casos em que tenham sido colaboradores nazistas, exaltados numa “luta patriótica contra o comunismo”⁴. É extremamente perigoso que este raciocínio esteja presente também no Brasil, uma vez que enaltece assassinos e reforça uma visão de mundo maniqueísta e autoritária.

³ https://www.eb.mil.br/web/noticias/noticiario-do-exercito/-/asset_publisher/MjaG93KcunQI/content/tributo-ao-major-eduard-ernest-thilo-otto-maximilian-von-westernhagen-oficial-alemao-assassinado-no-brasil-por-um-ato-terrorista-em-1968

⁴ <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/pos-muro/>



3 – Sobrevivente?

O terceiro ponto é problemático e sensível, tendo em vista a memória das vítimas do Holocausto. Seria aceitável descrevê-lo como um “sobrevivente da 2ª Guerra Mundial e das prisões totalitárias soviéticas”⁵?

Literalmente, a palavra sobrevivente pode designar qualquer um que passa por uma situação-limite e não morre. No entanto, no contexto específico da 2ª Guerra Mundial, “sobrevivente” não é somente uma palavra, mas uma categoria social. Ela se refere especificamente aos sobreviventes do genocídio perpetrado pelos nazistas e seus colaboradores. Boa parte deles, que emergiu de campos de concentração e extermínio nazistas, cujos prisioneiros foram para lá não por serem soldados de um exército inimigo – realidade terrível, mas infelizmente não excepcional em períodos de guerra –, mas por suas crenças, atuação política civil e, principalmente, por sua suposta origem racial.

O termo “sobrevivente” não é utilizado para prisioneiros de guerra – sequer para os soldados dos países aliados, muito menos para alemães – justamente para marcar a diferença entre as vítimas da guerra e as de um genocídio. Esta diferenciação foi uma conquista importante, e não evidente, da construção da memória da *Shoá*. Nos primeiros anos do pós-guerra, os prisioneiros de campos de concentração eram retratados de forma conjunta (e menos heroica) aos prisioneiros de guerra. Separá-los em distintas categorias é essencial para demonstrar que as vítimas da *Shoá* não foram vítimas de guerra, ou seja, de um conflito no qual há duas partes beligerantes. Eles foram perseguidos a partir de um plano sistematizado para eliminá-las, devido a sua mera existência e sem possibilidade de defesa.

O sofrimento de soldados alemães em campos de prisioneiros soviéticos é real e não temos a intenção de minimizá-lo. Entretanto, tratá-lo de forma indiferenciada – na categoria de “sobrevivente” – de judeus, ciganos, negros, homossexuais e outros ofende

⁵ https://www.eb.mil.br/web/noticias/noticiario-do-exercito/-/asset_publisher/MjaG93KcunQI/content/tributo-ao-major-eduard-ernest-thilo-otto-maximilian-von-westernhagen-oficial-alemao-assassinado-no-brasil-por-um-ato-terrorista-em-1968



as vítimas e todos aqueles que trabalham pela construção de uma memória justa do período.

Concluindo, tal homenagem prestada pelo Exército Brasileiro, além de controversa, depõe contra o esforço universal em construir uma memória compartilhada da *Shoá*, incluindo seu legado e suas lições. O Holocausto é, sim, um tema que diz respeito a todos nós. Além de insensível e indignante, o ato prejudica o discernimento público tanto sobre as crueldades cometidas pelo regime nazista quanto o zelo pela memória das vítimas da *Shoá*, muitas delas acolhidas pelo povo brasileiro e que aqui reconstruíram suas vidas e suas famílias.

* **Carlos Reiss** é o coordenador-geral do Museu do Holocausto de Curitiba.

* **Michel Ehrlich** é historiador e coordenador do departamento de História do Museu do Holocausto de Curitiba.
